

Apêndice 2

VILA RICA

Vila Rica é a cidade setecentista por excelência. Tendo sua origem no arraial fundado por Antônio Dias de Oliveira em 1698¹, passa por um período de esplendor e decadência ao longo do século XVIII – o século do ouro, sendo este aliás o minério que impulsiona seu desenvolvimento econômico e urbano.

A topografia da vila é composta em sua quase totalidade por terrenos extremamente inclinados, com as ruas conformando ladeiras íngremes e as casas dispostas em lotes ora em alicive, ora em declive. Essa característica do sítio interfere sobremaneira na constituição da casa (ou na arquitetura de uso residencial), inviabilizando o emprego da taipa (utilizada apenas em suas primeiras construções) e condicionando a criação de plantas e fachadas antes quadrangulares que retangulares e de lotes com traçado irregular que nem sempre compõem quadras como nas demais cidades brasileiras².

As ruas de Vila Rica já estavam quase todas calçadas com pedras no setecentos – outra consequência de sua topografia, favorável às grandes enxurradas, tornando necessária e indis-

1 VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 15-6. (Primeira edição: 1956)

2 Idem, *ibid.*, p. 66-8.

pensável a pavimentação do espaço público. A água também não constituiu um problema para os habitantes da vila, havendo muitas casas com nascentes situadas no próprio terreno ou conduzidas a ele por meio de bicames de madeira ou canais – isso para não falar nas fontes públicas, sempre bem supridas³. A iluminação pública, esta sim, foi relativamente tardia, prevalecendo durante muito tempo as tigelas de barro nos frontispícios das casas, com pavios alimentados por azeite, e os oratórios externos iluminados durante a noite⁴.

O casario de Vila Rica compunha-se basicamente de casas térreas e sobrados, em sua maior parte com alicerce de pedra – no caso dos sobrados, era comum encontrar-se o térreo feito de pedra e o primeiro pavimento, de pau-a-pique. Ambos aparecem na paisagem amoldados ao terreno, subindo e descendo ladeiras.

Sendo uma cidade do setecentos, com sua paisagem urbana configurada ao longo do século XVIII, observam-se poucas alterações no século seguinte, seja em relação às ruas e demais espaços livres públicos, seja em relação às construções.

Difunde-se, entretanto, o emprego de novas técnicas construtivas e de novos materiais (como o tijolo e o ferro fundido), embora concomitantemente à permanência de técnicas e materiais tradicionais, e constata-se ainda o aparecimento de construções ecléticas durante o oitocentos – como alguns chales com lambrequins – e o uso de certos elementos decorativos de caráter eminentemente neoclássico nas fachadas (especialmente platibandas, pilastras e arquitraves), não obstante o distanciamento da Corte e a situação isolada de Vila Rica⁵.

3 VASCONCELLOS, *Op. cit.*, p. 162.

4 Idem, *ibid.*, p. 83.

5 Idem, *ibid.*, p. 200. Apesar do distanciamento da Corte e de sua situação isolada, Vila Rica estava em permanente contato com o Rio de Janeiro, para onde era encaminhado o ouro, e de onde eram trazidos materiais e suprimentos.

CASAS TÉRREAS E SOBRADOS DE VILA RICA

Em seu texto sobre Vila Rica, Sylvio de Vasconcellos apresenta uma análise minuciosa das casas térreas e sobrados erguidos no espaço urbano da Capital da Província de Minas Gerais, particularmente aqueles que datam do século XVIII. Após revelar dados sobre a criação da vila e sobre seu meio físico e social, Vasconcellos apresenta informações referentes ao loteamento, aos materiais construtivos, às plantas, interiores e fachadas dessas construções urbanas, e também das casas dos morros e arabaldes (incluindo as casas de fazenda e de chácara).

No que diz respeito ao material construtivo, Sylvio de Vasconcellos observa que enquanto os primeiros edifícios foram erguidos com madeira, em sistema de estrutura independente, logo em seguida adotou-se a pedra como material primordial da construção⁶. Um dos motivos para essa substituição foi a escassez de exemplares arbóreos aproveitáveis no entorno⁷ e, por outro lado, a abundância de quartzitos e de outras rochas empregadas nas edificações⁸. Em construções precárias, fez-se uso do sapé, de folhas de palmeira e de outras espécies vegetais⁹ – embora em 1720 já não houvesse mais construções de palha em Vila Rica¹⁰. Mas a maior parte das residências foi erguida com paredes mestras e pilares em alvenaria de pedra, restringindo-se o uso da madeira às divisões internas e pavimentos superiores (em alguns casos, de pau-a-pique, o material utilizado nas casas mais simples)¹¹. O uso da taipa também foi abandonado logo de início, em função da acentuada inclinação do terreno¹².

As plantas das casas térreas eram muitas vezes caracterizadas pela existência de cômodos em sucessão, sendo geral-

6 VASCONCELLOS, *Op. cit.*, p. 111.

7 *Idem, ibid.*, p. 112.

8 *Idem, ibid.*, p. 109.

9 *Idem, ibid.*, p. 114.

10 *Idem, ibid.*, p. 29.

11 *Idem, ibid.*, p. 114-5.

12 *Idem, ibid.*, p. 66-8.

mente mais largas que as das casas urbanas de outras áreas do país. Elemento comum a essas construções foi o corredor, que estabeleceu não apenas a ligação entre os diversos compartimentos da residência, mas também entre a via pública e o quintal¹³. Segundo Vasconcellos, algumas dessas casas térreas apresentavam apenas quatro cômodos: sala, varanda e dois dormitórios (ou alcovas)¹⁴ – nas casas mais simples, havia apenas um dormitório¹⁵. Suas dimensões eram em geral reduzidas. De acordo com Sylvio de Vasconcellos, os corredores possuíam em média de 1,00 a 1,30m de largura; as salas, cerca de 12m²; e os dormitórios, não mais que 10m². Vasconcellos salienta ainda que essas dimensões aumentavam em função da largura das casas. Assim, nas casas mais estreitas, as dimensões dos cômodos eram menores; nas casas mais largas, os cômodos eram mais amplos. Nestas últimas, o corredor podia situar-se no centro da construção, entre as salas e os dormitórios¹⁶.

Avaliadas em conjunto, as fachadas das casas térreas urbanas de Vila Rica denotavam uma predominância de linhas horizontais – efeito este obtido tanto pela continuidade das vergas, como pela ampliação lateral da fachada, para criação de uma entrada para o jardim, ou ainda pelo emprego de pés-direitos mais baixos¹⁷. Por influência da tradição ibérica, ao longo de todo o século XVIII, as fachadas dessas edificações (assim como as dos sobrados) foram caiadas de branco. As cores vivas apareciam apenas nos elementos de madeira (portais e folhas, esquadrias), contrastando com o branco das paredes¹⁸.

Os sobrados repetiam no pavimento superior o arranjo das plantas das casas térreas – alguns deles apresentando plantas

13 VASCONCELLOS, *Op. cit.*, p. 133.

14 *Idem, ibid.*, p. 131.

15 *Idem, ibid.*, p. 137.

16 *Idem, ibid.*, p. 137-9.

17 *Idem, ibid.*, p. 180.

18 *Idem, ibid.*, p. 175.

quadrangulares e apenas quatro cômodos¹⁹. O térreo ficava reservado a lojas, depósitos ou senzalas. A escada que interligava os pavimentos do sobrado era sempre transversal ao edifício; às vezes situava-se entre dois cômodos, com acesso pelo corredor lateral; outras vezes, no caso específico de Vila Rica, dividia-se em dois lances, com um patamar intermediário – o primeiro lance ficava na própria área do corredor, no sentido longitudinal da construção, repetindo-se do lado oposto ao patamar, de tal forma que, para atravessar o corredor, subia-se e, em seguida, descia-se alguns degraus²⁰.

Outra observação importante ressaltada pelo historiador é a de que muitos sobrados se ergueram sobre casas térreas adaptadas então às novas funções e ao novo agenciamento da edificação²¹. Assim, da mesma forma que as plantas de algumas casas térreas eram quadrangulares, as plantas desses sobrados muitas vezes tendiam ao quadrado. Não obstante, nota-se uma “tendência vertical” na fachada desses edifícios, acentuada pelo desenho das aberturas²².

Ainda como consequência dessa sobreposição de pavimentos de épocas distintas, constata-se, em primeiro lugar, diferenças facilmente perceptíveis na fachada, com o térreo com um número menor de esquadrias e estruturado em pedra, e o pavimento superior com aberturas mais verticais; em segundo lugar, diferenças no tratamento da fachada no térreo e no pavimento superior; e, em terceiro lugar, variações nos sistemas construtivos empregados. Além disso, às vezes o térreo era concebido como pavimento de apoio e, portanto, secundário, enquanto o pavimento superior era o espaço mais nobre da habitação²³.

19 VASCONCELLOS, *Op. cit.*, p. 147.

20 Idem, *ibid.*, p. 142.

21 Idem, *ibid.*, p. 142.

22 Idem, *ibid.*, p. 186.

23 Idem, *ibid.*, p. 185.

O interior das residências urbanas, tanto das casas térreas como dos sobrados, era invariavelmente simples, com as divisões internas feitas de pau-a-pique, um tratamento modesto nos pisos e forros, as paredes pintadas a cal, sempre brancas, um mobiliário escasso, ainda que bem torneado, a água acumulada em grandes vasos ou tonéis, nichos com prateleiras embutidos nas paredes, bancos de alvenaria por vezes revestidos de tábua, a iluminação em candeias de barro alimentadas a óleo de mamona ou de baleia. Notáveis, apenas os leitos das casas dos proprietários mais ricos, com cortinas e colchas adamasçadas²⁴.

Como herança cultural portuguesa, valorizava-se mais a fachada que a área interna das edificações; mais a fachada principal que as fachadas laterais ou a fachada posterior da construção. A opulência gerada pelo ouro não se fazia notar nas residências urbanas – à exceção de algumas casas mais ricas, normalmente pertencentes a comerciantes. E assim a arquitetura das igrejas sobressaiu na paisagem, não apenas pela sua implantação no alto dos morros, como também pelo requinte e riqueza. O casario era mais simples, amoldado à topografia, com plantas quadrangulares ou retangulares, dependendo das características do terreno, sem o jogo de volumes da arquitetura das igrejas, em lotes de traçado irregular, com hortas e pomares muitas vezes situados ao lado dos edifícios para suprir a necessidade dos moradores – dada a carência de gêneros alimentícios em Minas nesse período –, com a fachada pintada de branco, em contraste com o colorido marcante das portas e janelas, às vezes também dos balcões e sacadas; no interior, quase nenhum mobiliário.

Importante é salientar o papel da topografia na determinação das características do lote, da planta e da fachada. A própria inclinação do terreno impossibilitou a existência de lotes estreitos e compridos, tão comuns nas outras cidades brasileiras do setecentos e de princípios do oitocentos, condicionando a cria-

24 v. VASCONCELLOS, *Op. cit.*, p. 153-169.

ção de lotes mais largos, que resultaram em fachadas igualmente mais largas e em plantas quadrangulares.

O tipo de solo determinou o material e o sistema construtivo empregado e, neste caso também, a escassez de madeira nos arredores da vila. O clima, do mesmo modo, influenciou nos detalhes arquitetônicos dos edifícios, com a difusão das “beiradas” para proteção das paredes externas e a redução do número de vãos na habitação²⁵.

Constata-se, dessa forma, que as características geográficas (e topográficas) de Vila Rica resultaram em casas térreas e sobrados com aspectos muito singulares em relação às residências urbanas de outras áreas do país, apesar das similaridades existentes.

O CASARIO URBANO NA PINTURA E NA FOTOGRAFIA

Na pintura de paisagens das primeiras décadas do século XIX, o casario urbano de Vila Rica aparece perfeitamente amoldado ao relevo e cercado pela vegetação. Observa-se uma variação constante na altura das edificações, em parte em função das características topográficas, em parte em função de variações no número de pavimentos das habitações. Áreas ajardinadas atrás das residências são comuns nessas imagens e completam ou complementam o cenário verdejante, não obstante a escassez de árvores nas montanhas que circundam a vila.

Nas construções, predominam os telhados de duas águas – existindo entretanto casas com telhados de quatro águas –, e as fachadas de fato relativamente mais largas que as de outras regiões do país. Há também mais sobrados do que casas térreas – outra peculiaridade de Vila Rica no período colonial, considerando-se que estava situada mais ao interior do país e não junto ao litoral como Recife ou Salvador.

25 v. VASCONCELLOS, 1977. p. 64-5.

Apesar da irregularidade dos lotes e da quase ausência de conformação de quadras, o casario delineia as ruas – lineares mas curvilíneas, que unem as partes mais baixas às partes mais altas da vila. Na paisagem, destacam-se as torres das igrejas, imponentes em comparação com o casario que em seu conjunto acompanha as formas do relevo com discrição.

Nas fotografias de fins do oitocentos, constata-se um aumento considerável no número de residências urbanas, ainda que esse período tenha sido antes de decadência que de ascensão econômica, precedendo inclusive a mudança da capital de Minas, com a criação de Belo Horizonte. Nota-se a existência de altos sobrados, com até quatro pavimentos em relação ao fundo dos lotes, com fachadas que comportavam três, quatro, cinco ou mais janelas por pavimento (mais espaçadas em comparação com as construções de outras áreas do país), em sua maioria com telhados de duas águas, que na paisagem conformavam um jogo de coberturas com seus altos e baixos. Da mesma forma que na pintura de princípios do oitocentos, é notável o modo como as construções se amoldam à topografia e a maneira como as igrejas se destacam na paisagem urbana – dependendo do ângulo de visão, sobressaindo-se inclusive em relação às montanhas do entorno.

Quando o artista percorre a cidade, fotografando suas ruas, registra da mesma maneira o jogo de coberturas resultante da variação do número de pavimentos das construções e da inclinação dos caminhos. Registra ainda as fachadas mais largas, com aberturas espaçadas, as janelas com balcões, a proteção das empenas laterais no pavimento superior (provavelmente em razão do uso de pau-a-pique nos andares mais altos do edifício), e a relação da casa com a rua, relativamente estreita e coberta de pedra, tendo como consequência uma franca aproximação entre as edificações que a ladeiam.

O OLHAR DOS VIAJANTES SOBRE A CASA, OS JARDINS E A PAISAGEM DE VILA RICA

“Vila Rica – a rica vila! Capital da Província de Minas Gerais e sede do governo, lugar durante muitos anos considerado o mais rico do Brasil (...).”

John Mawe, Viagem ao interior do Brasil, p. 121.

John Mawe, Auguste de Saint-Hilaire, Spix, Martius, Johann Moritz Rugendas e Johann Emanuel Pohl foram alguns dos viajantes que estiveram em Vila Rica na primeira metade do século XIX. Em seus relatos de viagem, no entanto, é quase sempre muito breve a descrição do lugar e das casas, seja pelas irregularidades do relevo, que tornavam difícil essa descrição, seja pelo interesse maior em escrever sobre as minas e sobre o processo de fundição do ouro.

John Mawe reconhece em seus relatos que Vila Rica, à época de sua visita, conservava apenas uma sombra de seu antigo esplendor²⁶. Das cerca de duas mil casas existentes na cidade, um número considerável não estava alugado, e tanto o valor do aluguel como o valor de venda dessas construções estavam em declínio²⁷.

Segundo Mawe, em princípios do oitocentos as ruas de Vila Rica já estavam calçadas. Eram quase sempre dispostas em degraus e providas de chafarizes²⁸. O viajante salienta ainda a boa qualidade do abastecimento de água – “*conduzida a muitas casas de maneira muito cômoda e agradável*” – e escreve sobre os nichos de imagens iluminados por cêrios durante a noite nas esquinas das ruas²⁹, mas não faz menção ao material

26 MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Trad. Selena Benevides Viana. São Paulo: Edusp, 1978. p. 129. (Primeira edição: 1812)

27 Idem, *ibid.*, p. 123.

28 Idem, *ibid.*, p. 122.

29 Idem, *ibid.*, p. 122.

construtivo das casas ou mesmo ao seu arranjo interno. Mais do que a casa, é o jardim situado junto às residências, disposto em pequenos terraços em níveis diferenciados, com “*profusão de belas flores*”, que chama a atenção de John Mawe³⁰.

Saint-Hilaire também menciona esses jardins escalonados, embora tenha uma outra impressão desses espaços livres³¹. A disposição das casas em grupos desiguais, erguidas todas em diferentes planos, parece intrigar mais o naturalista que as áreas ajardinadas³².

Spix e Martius, por sua vez, salientam em seus relatos a existência de “*casas construídas de pedra, de dois pavimentos, cobertas de telhas, na maioria caiadas de branco, e, se não de bom aspecto exterior, todavia cômodas e adequadas a situação alta da cidade*”³³.

Confirmando as observações de Spix e Martius, Johann Emanuel Pohl faz referência, da mesma maneira, a edifícios “*construídos de pedra e assobradados*”, alguns com janelas envidraçadas, como os situados no bairro central da cidade³⁴. Nota, contudo, que as casas da classe mais pobre eram feitas com paredes de barro e que na entrada da cidade havia “*choças baixas, não caiadas*”, que tornavam “*negativa a primeira impressão (...) de Vila Rica*”³⁵.

30 MAWE, *Op. cit.*, p. 122-3.

31 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. São Paulo: Edusp, 1975. p. 70. (Primeira edição: 1822 – resumo das viagens / 1887 – texto completo)

32 Idem, *ibid.*, p. 70-1.

33 SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Edusp, 1981. p. 205. (Primeira edição: 1824-1832)

34 POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil, empreendida nos anos de 1817 a 1821*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: Edusp, 1976. p. 397. (Primeira edição: 1832-1837)

35 Idem, *ibid.*, p. 397.

Sobrados e casas térreas de pedra, casas térreas mais simples, de barro, e “choças” não caiadas compunham o casario urbano da Capital da Província de Minas Gerais em princípios do oitocentos, segundo o olhar dos viajantes. Junto às construções, quase sempre um jardim formado por vários terraços, onde flores, verduras e legumes, e árvores de fruto se misturavam. Por todos os lados, as montanhas circundando a cidade das ruas estreitas e tortuosas, extremamente íngremes, cobertas de pedra e pontuadas de chafarizes.

CASAS DE VILA RICA NOS ANÚNCIOS DE JORNAL

Apesar de os viajantes afirmarem que parte considerável das residências urbanas estava desocupada em princípios do oitocentos, em virtude da escassez do minério, que em muitos casos levou ao abandono do lugar, não se constata um número significativo de anúncios de casas térreas e sobrados em periódicos do século XIX, como *O Universal*, de Ouro Preto.

Nos anúncios de casas sem referência ao número de pavimentos, raras vezes se menciona mais do que a localização do edifício e o nome do responsável pela negociação. Todavia, em alguns casos, como no anúncio publicado em 15 de julho de 1833, enfatiza-se o quintal plantado com árvores de fruto e cafezais:

*“Vende-se uma morada de Casas no Padre Faria com alguns Cafezeiros, Laranjeiras, doces, e azedas, o quintal é grande, está plantado e tapado com paredes de pedra, quem as quizer dirija-se a Luiz Justiniano Carneiro morador nas mesmas cazas.”*³⁶

Essas vantagens, ou benfeitorias, aparecem com maior frequência nos anúncios de casas de sobrado, em que se desta-

36 *O Universal*. 15.07.1833. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP).

cam a dimensão do terreno, a existência de água, o quintal (às vezes murado de pedra), a comodidade do preço e o número suficiente de cômodos da habitação:

*“Vende-se uma propriedade de cazas de sobrado N.45 sitas na rua direita desta I.C., com agoa limpa dentro e sufficientes comodos, quem as quizer comprar dirija-se á Fazenda do S. M. Francisco José Pereira de Velasco na Freguezia do Ouro Branco, que é seu dono, ou a Caza n.15 do T. C. Antonio da Cruz Machado na mesma rua que tem poderes para os ajustes.”*³⁷

Mais comuns que os anúncios de moradas de casas e de sobrados são os anúncios de chácaras nesse período. Estas podiam apresentar casas de vivenda, pomares, matos de lenha, plantações, água dentro e arvoredo de espinho – como era usual nas chácaras do Rio de Janeiro e de São Paulo – ou elementos bastante peculiares a Vila Rica:

*“Quem quizer comprar huma Chacara por cima do Morro das Lages, com o seu serviço de mineração de talho aberto e tanques de agoa por cima, mundéos e minas de tirar ouro, dirija-se a casa de João José de Araujo no Largo de Nossa Senhora da Guia.”*³⁸

Com efeito, chácaras com serviços de mineração de talho aberto existiram somente nas cidades das Minas Gerais.

Vila Rica foi a cidade do setecentos – cidade do Século do Ouro – e, sob vários aspectos, constitui uma exceção. Suas ruas

37 *O Universal*. 03.09.1832. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP).

38 *O Universal*. 17.03.1826. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP).

já estavam praticamente todas calçadas de pedra ao iniciar-se o século XIX e eram iluminadas à noite pelos nichos (com imagens) dispostos nas quinas dos edifícios. O abastecimento de água não representou um problema para os habitantes da vila, posto que a água muitas vezes brotava dos morros onde se localizavam as construções; além disso, ainda em pleno século XVIII, foram construídos reservatórios que distribuíam a água por meio de canos para todos os pontos da cidade, e foram criados diversos chafarizes nas ruas e praças de maior importância³⁹.

A irregularidade do terreno determinou o traçado de plantas antes quadrangulares que retangulares, com a fachada principal mais larga que em outras cidades brasileiras; a topografia levou também à criação de jardins dispostos em terraços consecutivos, muito peculiares a Vila Rica. No mais, foi uma cidade erguida entre montanhas, marcada por áreas extremamente íngremes que resultaram em “ruas-ladeira”, ladeadas por sobrados de dois pavimentos, quando vistos a partir da rua, que apresentavam na paisagem pavimentos adicionais na fachada posterior em razão do declive acentuado dos terrenos.

39 v. MAWE, *Op. cit.*, p. 128.

